

arte na pos-historia.

(Para: "Arte em S. Paulo")

O divorcio fatidico entre tecnica e arte caracteriza a Idade moderna. Tal divorcio e devido a determinada definicao moderna, burguesa, do fazer humano. Para o burgues vitorioso do Renascimento "fazer" passa a ser modificar o mundo objetivo com o proposito de submete-lo ao homem. Quem fornece o conhecimento a respeito do mundo objetivo e a ciencia da natureza. De maneira que "fazer" passa a ser aplicacao de tal conhecimento. "Fazer" passa a ser tecnica. Todo fazer de tipo diferente, e sobretudo o do tipo artistico, passa a ser anacronismo. No entanto, o fazer artistico nao pode ser "superado" e eliminado da cena, ja que ha pessoas que se sentem atraidas por ele, e outras que apreciam o resultado de tal esforco. De maneira que a sociedade burguesa, (e a sociedade dita "socialista" que e sua variante), vao estabelecer guettos reservados para este tipo de fazer perfeitamente inutil. Escolas de arte, academias, galerias, museus, revistas especializadas. Desta forma o fazer artistico vai sendo eliminado da vida quotidiana, e, afim de suavizar a expulsao da arte, o artista e sua obra vao ser envolvidos em aura "sacral" benjaminiana, para o maior gaudio de parte da burguesia.

O divorcio entre tecnica e arte e nefasto, porque o fazer humano e gesto pelo qual se exprime a existencia toda. Nao apenas os conhecimentos e os valores se exprimem por tal gesto, mas tambem os desejos, as experiencias, e os sentimentos. Pelo gesto do fazer o homem procura imprimir sua existencia toda sobre o mundo, procura "realizar-se" no mundo. Se o gesto do fazer for cortado em dois, tendo a expressao de determinados conhecimentos e valores de um lado, e todo o resto do outro lado, surgira existencias frustradas em ambiente cultural des-humano. A Idade moderna, sobretudo depois da Revolucao industrial, o comprova. Eis uma explicacao possivel para a atual tendencia da tecnica para re-absorver a arte, e restabelecer a unidade precedente entre "ars" e "techne". Tal tendencia e observavel em toda parte: design, arte publicitaria, e sobretudo imagens tecnicas do tipo fotografia e filme. Isto nos obriga a tentarmos redefinir a arte no contexto do fazer humano, uno e indivisivel, e faze-lo, tendo em vista as transformacoes radicais que tal gesto esta sofrendo atualmente.

Ao fazer, o homem vai imprimindo formas sobre objetos, vai "in-formando". Tais informacoes sao resultados de dialogos externos e internos. As informacoes que a humanidade imprime sobre o mundo sao produtos de informacoes precedentes, acrescidas de experiencias novas. O homem e "ente historico", e ha "historia da cultura". Por certo: no curso de tal historia toda uma serie de informacoes vai ser esquecida, mas a tendencia geral e negativamente entropica: acumulo de informacao, e informacoes novas. Pois as informacoes, antes de serem imprimidas sobre os objetos, podem ser chamadas "modelos". Propostas de como devem ser os objetos depois de informados. Modelos podem ser classificados teoricamente em tres tipos: epistemologicos, eticos e esteticos. Um modelo epistemologico propoe determinado conhecimento, um modelo etico determinado dever-ser, um modelo estetico determinada experiencia vital. "Arte" seria, segundo tal criterio, aplicacao de modelos esteticos sobre objetos, e "obra de arte" seria objeto que modela a experiencia vital dos seus receptores.

No entanto, no gesto concreto do fazer, tal distincão teorica de modelos não pode ser mantida. Todo objeto informado por homem, (todo objeto cultural), revelara, sob análise, parametros epistemologicos, eticos e esteticos intimamente interligados. E que o homem nada conhece sem valora-lo e vivencia-lo, nada valoriza sem conhece-lo e vivencia-lo, e nada vivencia sem conhece-lo e valora-lo. De modo que todo objeto cultural e, sob certo angulo "obra de arte", sob outro "objeto util", (etico), e sob mais outro "objeto atestando a determinado conhecimento". E todo homem engajado em fazer cultural, quer se chame homem politico ou cientista, e, sob certo angulo, artista. Ate obras tao "feias" como o sao as cidades industriais, revelarao, sob análise, seu lado artistico, embora frustrado. A arte não permite ser expulsa do fazer quotidiano, sob pena do homem perder a sua humanidade.

A transformacao radical pela qual esta atualmente passando o gesto do fazer reside na mecanizacao automatizada da impressao das informacoes sobre os objetos: robos, instrumentos inteligentes. A impressao de informacoes, o "fazer" no significado tradicional, o "trabalho" sensu stricto, passa a gesto nao-humano. "Pos-historia" e precisamente esta emancipacao do homem com respeito ao trabalho. Gracias a tal emancipacao, o homem nao mais participara da historia no significado de: modificacao do mundo objetivo. Esta se processara automaticamente. E, simultaneamente, o homem fica emancipado para poder concentrar-se sobre a elaboracao dos modelos a serem imprimidos automaticamente sobre os objetos. O homem passa a ser "programador da historia", e seu fazer passara a ser a manipulacao das informacoes a serem impressas sobre o mundo, a "software". Pela primeira vez, desde que o homem e homem, podera ele dedicar-se a tarefa negativamente entropica de preservar informacoes em memorias, e criar informacoes novas, isto e: ser plenamente homem.

Tal desvio do interesse existencial, o qual vai se retirando dos objetos automaticamente informados, das "obras", e o qual vai se dirigindo para a elaboracao dos programas, da "informacao", vai necessariamente revelar a intima co-implicacao que existe entre modelos epistemologicos, eticos e esteticos, entre ciencia, politica e arte. Vai se tornar obvio, para todos, que todo programa tem aspectos cientificos, politicos e artisticos, e que seria absurdo querer separar tais aspectos. De maneira que, quase espontaneamente, todo engajamento do homem pos-historico sera o de elaborar programas informativos no significado pleno, isto e: modelos de conhecimento, de comportamento, e de vivencia concreta. Neste sentido e pois possivel afirmar-se que todo membro da sociedade pos-historica sera, quase espontaneamente, artista.

No entanto, isto não e motivo para otimismo exagerado. Por duas razoes distintas: (1) O proprio gesto de programar e programavel, como que automatizavel. Os aparelhos automaticos podem programar os programadores a programarem outros aparelhos. O resultado seria sociedade totalitaria programada por aparelhos inertes. E a "arte" produzida por tal sociedade, longe de articular modelos de vivencia humana, visaria manipular a vivencia da sociedade em proveito do funcionamento dos aparelhos. Sintomas de um tal totalitarismo aparelhistica abundam desde ja, (cultura de massa). (2) Sociedade na qual todo mundo e artista, (por exemplo brinca com plotters), não e propicia para a elaboracao de informacao nova. Ja que todo mundo dispoe do mesmo tipo de informacao, (irradiada pelos mass media), todo mundo apenas produz variacoes sobre

sempre os mesmos temas. É mesmo se, em tal mare de Kitsch que inundara a sociedade, aparecerem propostas verdadeiramente informativas, (arte no significado correto do termo), tais propostas serão impossíveis de detectar no meio das infinidades de propostas redundantes. Há sintomas de um tal rebaixamento geral do nível estético na atualidade, e não é necessariamente sinal de elitismo constatar o perigo.

Resumindo este argumento: O divorcio entre técnica e arte está em vias de ser superado. Quem ainda se toma por "artista" no significado burgues, moderno, do termo, está se expondo a ridículo justificado. Na medida em que o fazer humano vai se deslocando do fazer obras para o fazer informações, o termo "arte" vai adquirindo o significado de "proposta para modelar vivências concretas", e vai se tornando inseparável do engajamento científico e político, parte integrante do engajamento humano contra a entropia. Isto abre oportunidades jamais sequer sonhadas no passado: sociedade emancipada para a elaboração de modelos do "verdadeiro", do "bom", e do "belo". No entanto, isto abre também as portas para perigos jamais sonhados no passado: sociedade pos-histórica cujas vivências são manipuladas automaticamente, e sociedade imersa em Kitsch infra-humano. Pois isto torna tão aventuroso o momento atual que temos o privilégio de viver: estarmos em encruzilhada, na qual o caminho a ser tomado depende, em parte, da nossa própria escolha.